

Democracia de Circunstancia

Porto Alegre, 5.1.54

O sr. Getúlio Vargas proferiu, há dias, um discurso fora dos seus moldes habituais. Sobrio, sereno, elevado, como convém a uma oração presidencial. E, não fôra um rápido escoreggião para a demagogia xenófoba, mal se diria êle do Presidente que parece ter tomado por ponto essencial do seu programa inquietar o País.

O auditório mais que tudo, explica a admirável mutação. Desta vez, dirigia-se o Presidente às Classes Armadas. E estas já não são as dos primórdios do Estado Novo, quando, se não me falha a memória, se instituiu a praxe do discurso de Ano Bom, esdrúxula praxe numa democracia européia, mas perfeitamente explicável nestas falsas democracias da América, onde a espada tem voz e voto. E' que, sendo um escol, as Classes Armadas compreenderam muito mais rapidamente que o Povo, as vantagens da democracia e não mais se disporão a servir de gato morto. Assim e fazem crer, pelo menos, as constantes manifestações dos principais chefes militares.

Explica isto o comedimento da oração presidencial, apenas uma fugaz investida contra o capital estrangeiro, como a responder à magistral oração com que o general Juarez Távora encerrou os cursos na Escola Superior de Guerra.

Devemos, pois, congratular-nos com a mutação operada no estilo presidencial, mas com ela não nos devemos iludir. Nada autoriza a crer na profissão democrática, que no discurso se faz: palavras de circunstância são as suas. Em verdade, o que nelas se reflete é a firme disposição das Classes Armadas em manter o regime democrático. Hesitem estas, ou esmoreçam na vigilância, e teremos a volta à velha retórica e à antiga ação. Elas é que falaram pela boca presidencial, no banquete do Ano Novo. E ainda bem.